

# Ecumenismo no jornal *Expositor Cristão*: a cobertura do ingresso da Igreja Metodista no Conselho Nacional de Igrejas, Cristãs, CONIC

Ecumenism in the magazine *Christian Expositor*: coverage of the entrance of the Methodist Church in the National Council of Christian Churches, CONIC

Ecumenismo en el periódico *Expositor Cristão*: la cobertura del ingreso de la Iglesia Metodista al Consejo Nacional de Iglesias Cristianas, CONIC

Suzel Magalhães Tunes

## RESUMO

Este artigo avalia como o jornal *Expositor Cristão* abordou o ecumenismo no período entre 1975, quando começaram as articulações para a formação de um Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, e 1982, ano em que a Igreja Metodista oficializou sua entrada no CONIC. A pesquisa constatou que o jornal metodista não se constituiu um espaço de negociação e gestão de conflitos; nas páginas do jornal ecumenismo e antiecumenismo seguem paralelos.

**Palavras-chave:** protestantismo – ecumenismo – comunicação eclesial – imprensa evangélica – Igreja Metodista – *Expositor Cristão*.

## ABSTRACT

This article evaluates how the magazine *Christian Expositor* dealt with ecumenism in the period between 1975, when movements for the formation of the National Council of Christian Churches began, and 1982, the year that the Methodist Church made official its entrance in CONIC. The research shows that the Methodist magazine did not give space for negotiation and the management of conflict; in the pages of the magazine ecumenism and anti-ecumenism follow parallel paths.

**Key-words:** protestantism, ecumenism – ecclesiastical communication – evangelical press – Methodist Church – *Christian Expositor*.

## RESUMEN

Este artículo examina como el periódico *Expositor Cristão* trató el ecumenismo en el período entre 1975, cuando se iniciaron las conversaciones para la formación de un Consejo Nacional de Iglesias Cristianas, y 1982, año en el que la Iglesia Metodista oficializó su ingreso en el CONIC. La investigación constató que el periódico metodista no se constituyó en un espacio de negociación y gestión de conflictos; en las páginas del periódico ecumenismo y anti ecumenismo siguen paralelos.

**Palabras clave:** protestantismo – ecumenismo – comunicación eclesial – prensa evangélica – Iglesia Metodista – *Expositor Cristão*.

## Introdução

A Igreja Metodista no Brasil, durante o seu 18º Concílio Geral, instância máxima de decisões institucionais, decidiu por se retirar de “órgãos ecumênicos com a presença da Igreja Católica e grupos não cristãos”, conforme informa o periódico oficial *Expositor Cristão*, em sua edição de agosto de 2006, página 9. A decisão foi recebida com perplexidade pelo movimento ecumênico: o que estaria acontecendo a essa igreja protestante historicamente vinculada à fundação de organismos ecumênicos?

As manifestações que se seguiram à decisão do Concílio – mensagens pró e contra, divulgadas pelo jornal *Expositor Cristão* de agosto de 2006 (p. 12) – revelam concepções distintas do que seria o ecumenismo: para alguns, um cumprimento da ordem de Cristo: “A fim de que todos sejam um [...] para que o mundo creia” (Jo 17.21) Para outros, uma inadmissível ligação com a idolatria. Por exemplo, o leitor Pedro Antônio de Jesus Baptista, membro da Igreja Metodista de Cascadura, RJ, argumentava: “A Bíblia manda o cristão não se assentar em roda de escarnecedores (Salmo 1.1), não se colocar em jugo desigual com incrédulos (2 Co 6.14-18)...”. Na lógica deste leitor, não havia motivos para dúvidas: a Bíblia diz que não pode haver comunhão entre luz e trevas – sendo a luz, o protestantismo; e as trevas, o catolicismo.

Visões tão opostas revelam mais do que simples divergência de opiniões: expressam ambiguidade na interpretação dos textos bíblicos e uma falta de clareza sobre o que a Igreja Metodista define como ecumenismo. Sugerem, portanto, falhas no processo de comunicação entre as lideranças da Igreja e as comunidades locais.

A Igreja Metodista conta com vários veículos de comunicação, dos quais o mais antigo é o jornal *Expositor Cristão*. Publicado a partir de 1º de janeiro de 1886, ele nasceu com o nome de *Methodista Catholico* e foi idealizado pelo missionário norte-americano John James Ransom. Ransom criou o jornal com a intenção de que ele fosse um veículo de orientação doutrinária e discussão de temas da atualidade, “abraçando a religião cristã em toda a sua plenitude, e fraternizando com todos que creem em Deus e amam a Nosso Senhor Jesus Cristo, portanto o termo Católico”<sup>1</sup>.

Contudo, ao longo de sua história, o jornal criado para ser um veículo de informação doutrinária nem sempre comunicou com a necessária clareza qual o significado que a Igreja Metodista confere à palavra ecumenismo e como ela o pratica. Em alguns momentos, a coexistência entre ecumenismo e antiecumenismo no interior do campo metodista – presente

---

<sup>1</sup> Conforme editorial do número de estreia da publicação, publicado na edição de 1 de janeiro de 1998, p. 1.

desde o período de implantação do protestantismo de missão no Brasil – não foi trazida à luz dos debates pelo Expositor Cristão, mas permaneceu oculta por omissões e ambivalências. É o que constatamos a partir de uma avaliação qualitativa do conteúdo do jornal no período de 1886 até 1982, quando a Igreja Metodista toma a decisão de se filiar ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, o CONIC<sup>2</sup>. Neste artigo, tratamos apenas do período compreendido entre 1975 e 1982: das primeiras articulações para a formação de um conselho de igrejas cristãs até a oficialização de ingresso da Igreja Metodista no CONIC.

## **Anos 70: a retomada do diálogo ecumênico**

Após o fechamento da Faculdade de Teologia, em 1968, a intensificação da repressão política pelo governo militar no mesmo ano e a prisão de jovens lideranças do movimento ecumênico<sup>3</sup>, o ecumenismo metodista se retraiu. Se o Credo Social dos anos 60 anunciava que a “igreja é ecumênica e sempre participou ativamente dos movimentos de cooperação interdenominacional”, a versão resultante de alterações realizadas pelo Concílio Geral de 1971 evitava a palavra ecumenismo, substituindo-a por “unidade cristã”<sup>4</sup>:

Os textos publicados no Expositor Cristão na década de 1970 e no início dos anos 80 revelam que, enquanto algumas lideranças tentavam retomar o diálogo ecumênico e a inserção social da Igreja, especialmente a partir da abertura política, avançava o movimento carismático. Artigos e cartas de leitor da época revelam essa tensão entre uma igreja que procura se abrir às questões socio-políticas e uma igreja encantada por um avivalismo individualista que começa a fazer muito sucesso no mercado religioso brasileiro. Sucesso, numa visão pragmática, traduz-se em crescimento numérico e a baixa performance da Igreja nesse quesito faz muitos metodistas acreditarem que um “avivamento” é caminho para a sobrevivência.

Logo no início de 1975, ano em que se iniciam os encontros de dirigentes para a fundação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, CONIC,

<sup>2</sup> Tema da dissertação de mestrado, apresentada no dia 9 de março de 2009: O pregador silencioso: Ecumenismo no jornal *Expositor Cristão* (1886-1982). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

<sup>3</sup> Sobre este período, recomendamos a leitura dos trabalhos de Zuleica Mesquita (Crise da Faculdade de Teologia em 1968 à luz do pensamento de Edgar Morin) e José Hamilton Sampaio (Sobre sonhos e pesadelos da juventude metodista brasileira nos anos sessenta).

<sup>4</sup> A Igreja Metodista participa dos propósitos de unidade cristã e serviço mundial do Conselho Mundial de Igrejas. [...] Cremos que a comunidade Cristã Universal é serva do Senhor; sua missão nasce dentro da missão do seu único Senhor que é Jesus Cristo. A unidade cristã é dádiva do sacrifício do Cordeiro de Deus; viver divididos é negar o Evangelho. (IGREJA METODISTA, Cânones, Credo Social, p. 25 e 26)

o Expositor Cristão publica o artigo *Ecumenismo e Unidade Cristã*, do bispo Almir dos Santos (EC, 1ª quinz. 04. 1975, p. 17). A leitura desse artigo dá uma boa amostra das tensões, desconfianças e conflitos envolvendo a questão ecumênica na Igreja Metodista.

O bispo inicia seu texto lembrando que o movimento ecumênico nasceu “endereço apenas às denominações protestantes, mesmo porque Roma se recusou terminantemente a participar das reuniões ecumênicas protestantes”. E mesmo no âmbito protestante, muitas denominações o rejeitaram, “como continuam rejeitando até hoje, não só com relação à Igreja Romana, mas também com relação às igrejas protestantes entre si, sob a alegação, entre outras, de que o divisionismo protestante estimula a competição entre as denominações, tornando-se, portanto, mais eficiente na obra de evangelização”. Almir dos Santos considera que a partir do Concílio Vaticano II houve **certa** abertura de alguns líderes católicos para o diálogo e, ainda assim, por grupos **não oficiais** da Igreja Católica (grifos do autor). “Devemos confessar que do lado protestante há também muitas restrições e suspeitas com relação ao diálogo entre ROMA e GENEBRA, como dizem alguns (expressão que já por si só revela um trabalho das cúpulas e não do povo)”. Ele afirma ainda que o ecumenismo, “como está sendo praticado”, tem dividido mais que aproximado, mas não entra em detalhes acerca da forma como se pratica o ecumenismo. Diz não estar seguro se os leigos que participam das reuniões ecumênicas representam realmente as suas igrejas “ou o fazem por estarem **fora das** ou **contra** as suas igrejas”. Afirmando, ao mesmo tempo, uma postura pessoal ecumênica e claras convicções protestantes, ele defende que as diferenças doutrinárias – “as razões e os motivos que ainda nos separam” – devam ser debatidas. “No último Concílio Geral da Igreja Metodista no Brasil, evitamos em nosso documento oficial a palavra ecumenismo e usamos a expressão unidade cristã. E se é a unidade cristã que buscamos, o atual ecumenismo merece ser re-examinado”<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Essa postura cautelosa do bispo Almir dos Santos em relação ao movimento ecumênico chega a ser surpreendente. Almir dos Santos havia sido uma das principais lideranças ecumênicas da Igreja Metodista na década de 60. Como presidente do Setor de Responsabilidade Social da Confederação Evangélica Brasileira, fora presença atuante na organização da Conferência do Nordeste (p. 101 desta dissertação). Pesquisadores que estudaram a crise da Igreja Metodista na década de 60 confirmam que Almir dos Santos mudou o seu discurso após 1968, quando já ocupava a posição de bispo da Igreja Metodista (eleito em 1965). Jorge Hamilton Sampaio conta que, por ocasião da crise na Faculdade de Teologia, jovens de Belo Horizonte tiveram reuniões com um aluno expulso da Faculdade, Argemiro Oliveira Júnior, para debater o que estava havendo na instituição. Eles resolveram convidar o bispo Almir dos Santos para participar de uma dessas reuniões e ele negou, afirmando que não conversava com um grupo de bateadores de palmas, festivo. “Para esses jovens, a postura do bispo Almir foi uma grande decepção”, constatou Sampaio (p. 209).

Talvez esse seja o artigo mais crítico a respeito do ecumenismo publicado pelo Expositor Cristão no período em destaque, excetuando-se as cartas publicadas na seção “Peço a Palavra”, das quais trataremos mais especificamente adiante. O bispo Almir dos Santos não nega a existência de conflitos envolvendo o diálogo ecumênico e sugere o aprofundamento da discussão. Meses depois, em setembro de 1975, o mesmo Almir dos Santos seria um dos representantes metodistas na primeira reunião de lideranças eclesiais com vistas à organização do CONIC. Mas o bispo metodista não relata no jornal os resultados desse primeiro encontro realizado no Instituto Metodista Bennett, no Rio de Janeiro, nem retoma o assunto tratado pelo artigo, nos meses posteriores. O teor polêmico de seu artigo de reflexão é uma exceção entre os textos publicados nesse período. De maneira geral, quando o jornal se refere a ecumenismo, o tom é festivo: predominam as matérias sobre confraternizações e celebrações entre católicos e metodistas. Há, também, em menor quantidade, textos de teor político – na maioria das vezes, pronunciamentos por lideranças metodistas em defesa de religiosos ou instituições envolvidos em conflitos com autoridades governamentais<sup>6</sup>. Esses textos surgem com os primeiros ventos de abertura política.

## O nascimento do CONIC

O primeiro encontro de lideranças para a articulação de um Conselho Nacional de Igrejas Cristãs ocorreu no dia 24 de setembro de 1975, no Instituto Metodista Bennett de Ensino, Rio de Janeiro, segundo relata a publicação *Conic, Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil. Uma caminhada ecumênica. Dos Encontros de Dirigentes de Igrejas para a fundação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs. 1975-1982*. A publicação, que traz os relatórios desses encontros, informa que da primeira reunião participaram, representando a Igreja Metodista, o Bispo Almir dos Santos e o então pastor Paulo Ayres Mattos, seu assessor (em 1977, Mattos viria a substituir Almir dos Santos, que se aposenta).

Carlos Gilberto Bock, no livro *O ecumenismo eclesial em debate. Uma análise a partir da proposta ecumênica do CONIC*, afirma que o Conselho surgiu como uma resposta à necessidade das instituições de estabelecerem um canal pelo qual pudessem aprofundar sua relação e atuação na sociedade brasileira. Mas a organização não queria ficar restrita à cúpula das instituições: “O CONIC também tem a intenção de chegar às

---

<sup>6</sup> Por exemplo, o jornal da 1ª quinzena de novembro de 1980 traz, na página 2, nota com o título “Igreja Metodista solidária com Padre Miracapillo”, que havia sido expulso do Brasil pelo governo João Figueiredo. Segundo o padre, o motivo de sua expulsão foi o seu envolvimento em favor dos trabalhadores rurais.

bases das igrejas, ou seja, às comunidades em nível local, que é onde se vive a fé cristã”. (BOCK 1998: 87)

De fato, nesse encontro inaugural já foram tratadas questões práticas, de interesse da vida comunitária nas igrejas locais, como o **reconhecimento do batismo administrado em outra igreja, a participação de membros de outras igrejas na comunhão e os matrimônios mistos e interconfessionais**. No terceiro encontro, realizado em 24 de novembro de 1976, na sede da CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), no Rio de Janeiro, o **batismo** constituiu o tema principal da agenda. O pastor Paulo Schuetz apresentou na ocasião a primeira parte do documento da Comissão de Fé e Constituição do CMI: “Um só Batismo, uma só Eucaristia, um só Ministério, mutuamente reconhecidos” (CONIC 1987: 30).

Na quarta reunião, no dia 31 de maio de 1977 (na sede do Conselho Geral da Igreja Metodista, em São Paulo), além de se resolver elaborar um anteprojeto de um Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, os líderes reunidos decidiram “recomendar às suas igrejas o estudo dos acordos doutrinários já alcançados na questão da *Eucaristia* e a prática da Comunhão aberta nos limites da disciplina de cada Igreja” (Ibidem, p. 13). Contudo, nas páginas do jornal, a questão da Eucaristia, bem como de batismo e casamentos interconfessionais só ganhará destaque dois anos depois, na edição da primeira quinzena de dezembro de 1979, e não como tema para estudo ou orientação pastoral, mas já como *normativa*. O documento, assinado pelo presidente do Colégio Episcopal, Sady Machado da Silva, dava orientações gerais sobre celebração de cerimônias de batismo, ceia, casamento e funeral<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Igreja Metodista – Colégio Episcopal: Normativas para a Celebração de Cerimônias do Ritual e Outras. Sobre o batismo de crianças, ele é realizado quando pelo menos um dos pais for membro da Igreja Metodista. “O batismo de adultos será aplicado a pessoas que desejam filiar-se à Igreja Metodista, após professarem publicamente sua fé em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador pessoal.” (...) “As pessoas que não tenham sido batizadas numa Igreja Evangélica e que desejam filiar-se à Igreja Metodista serão recebidas à comunhão da Igreja por profissão de fé e batismo, exceto nos casos estritos de consciência dos candidatos que, batizados na Igreja Católica, reconhecem o seu pacto batismal, quando então lhes será dispensado novo batismo, sendo então recebidos por confirmação, após orientação doutrinária”... Sobre a Ceia: “A Ceia do Senhor será ministrada àquelas pessoas que estejam em comunhão com as suas Igrejas, isto é, para os crentes professos, membros da Igreja Metodista e de outras Igrejas Evangélicas”. O ministro oficiante no ato do convite para a Mesa da Ceia do Senhor orientará a congregação quanto à amplitude da abertura da Ceia do Senhor quando celebrada numa igreja metodista. Todo e qualquer pastor metodista, entretanto, não poderá negar a Ceia do Senhor a qualquer pessoa que se aproximar da Mesa de Comunhão. Casamento: A Igreja Metodista desaconselha a seus membros os casamentos mistos. A Igreja Metodista, contudo, admite os casamentos mistos devido às circunstâncias peculiares dos evangélicos brasileiros, já que somos numericamente minoritários no país. A realização de casamentos mistos, entretanto, exige dos nubentes algumas condições para a celebração da cerimônia de invocação da bênção divina que pedem sobre si.

Seguiram-se mais dez encontros antecedendo a assembleia constituinte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, que ocorreu nos dias 17 a 19 de novembro de 1982. Essas reuniões preparatórias não foram anunciadas pelo jornal, nem prévia, nem posteriormente. O Expositor Cristão limitou-se a publicar o projeto de constituição do CONIC, em março de 1978, e voltou a citar a entidade na 2ª quinzena de setembro de 1978 (p. 12) anunciando que o Conselho Geral (instância administrativa da Igreja Metodista) havia aprovado a ligação da Igreja ao Conselho. O jornal publica o parecer do Conselho Geral, com justificativas bíblicas (Jo 17.20-23) e históricas, estas pautadas na tradição metodista “reconhecidamente ecumênica”. Assinam o parecer os membros da comissão do Conselho Geral designados para estudar o projeto de constituição do CONIC: Ely Eser B. César. Alice G. Labaki, Hélcio Mariotto.

Todos os 14 encontros de dirigentes de igrejas visando à fundação do CONIC tiveram a participação de representantes metodistas, muitas vezes membros do próprio Colégio Episcopal. Em várias dessas reuniões, especialmente a partir de 1977, recomendou-se a divulgação de “mensagens a suas comunidades sobre a unidade da Igreja” ou “mensagens de paz” por ocasião de Natal, passagem de ano e Pentecostes. Segundo o documento do CONIC, “todas essas declarações, notas e mensagens tiveram bastante repercussão, tanto no meio das Igrejas, quanto nos meios de comunicação social. Algumas mensagens tiveram eco nos ambientes governamentais. Em resumo, elas foram interpretadas como a voz da consciência cristã no Brasil. (CONIC 1987: 47)” Será mesmo? Nas páginas do Expositor Cristão, pelo menos, elas foram artigo raro. O jornal publicou apenas uma mensagem de Pentecostes, no ano de 1979, quando há, também, uma apresentação da entidade que se formava:

Atendendo a esta vontade de Cristo (que todos sejam um) e como sinal de arrependimento pelas divisões que almejam superar, várias Igrejas no Brasil, sabendo-se unidas em Cristo pelo vínculo do batismo, desejam criar um Conselho Nacional de Igrejas Cristãs.

O Conselho Nacional e Igrejas Cristãs será uma associação fraterna de Igrejas a serviço do povo de Deus e sua missão na realidade brasileira. Ele será constituído por Igrejas que reconhecem o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Escrituras, e buscam cumprir sua tarefa comum para a glória do Pai e do Filho e do Espírito Santo. [...]

Assinam: Ivo Lorscheiter; Pr. Jânos Aportol; D. Arthur Kratz, Pr. Augusto Kunert; Bispo Sady Machado da Silva Pg. 10 – (EC: 1ª quin. 06.1979, p. 10).

Até o dia 22 de julho de 1982, apesar do parecer favorável de seu Conselho Geral, a Igreja Metodista ainda não estava oficialmente vinculada

à nova organização. Decisões como essa são tomadas em Concílio Geral, por votação das delegações representativas das igrejas locais. E foi no XIII Concílio Geral, na noite do dia 22, que o assunto entrou na pauta de discussões. A reportagem do Concílio foi publicada na edição da 1ª e 2ª quinzena de agosto de 1982 (uma edição dupla), que assim noticia a votação:

Na noite do dia 22, entrou a proposta de ingresso da Igreja Metodista no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (do qual também participarão episcopais, católicos, luteranos e cristãos reformados), com os pareceres favoráveis do Colégio Episcopal e do Conselho Geral. Desde algum tempo, os metodistas já têm participado do processo conformativo do CONIC por meio do bispo Sady Machado e por mais de uma vez o EXPOSITOR CRISTÃO divulgou manifestações do grupo. Lidos os termos da proposta, inscreveram-se 34 oradores para debater a matéria. Após todo o debate, veio a votação. Favorável, por 45 a 40 votos. Mais tarde viria o pedido de reconsideração da matéria, que não encontrou tempo hábil na agenda e permaneceu “sobre a mesa” para decisão posterior.

Cinco dias depois, chegava ao plenário a proposta de integração da Igreja Metodista ao CLAI – Conselho Latino-americano de Igrejas. Dessa vez, a aprovação veio rápida. (EC: 1ª e 2ª quinz. 08.1982, p. 10)

O simples relato da votação do Concílio não reflete o clima de tensão que envolveu o debate. O Concílio teve duas horas para discutir a questão. Findo o prazo, sem qualquer decisão, houve três prorrogações, cada uma de 30 minutos. A votação foi secreta, mas nove votantes pediram declaração de voto contrário, incluindo Rozalino Domingos, bispo eleito em 1991 e aposentado em 2001. (ATAS e Documentos do XIII Concílio Geral 1982: 19)

A polêmica do Concílio repercutiu nas “páginas do leitor” das edições posteriores do jornal. Por exemplo, a edição da 1ª e 2ª quinzenas de dezembro traz o contundente protesto de um leitor contra a participação metodista na assembleia constituinte do CONIC, que ocorrera entre os dias 17 e 19 de novembro de 1982, em Porto Alegre, RS:

Protesto quanto a participação da Igreja Metodista, representada pelo Bispo Sady Machado da Silva, no encontro ecumênico realizado em Porto Alegre, RS, onde se formou uma comitiva denominada “CONIC”. O presidente desta organização é o babilônico (Igreja Católica) Dom Ivo Lorscheiter. Sou recém-convertido e não pretendo voltar ao meu próprio vômito (Pv 26.11). (EC: 1ª e 2ª quinz. 12. 1982, p. 3)

### **A vitalidade da Página do Leitor**

Uma análise do conteúdo do jornal Expositor Cristão nas décadas de 1970 e 1980 demonstra que, entre os textos elaborados pela equipe de



redação e por colaboradores, predominam os informativos de caráter factual (descrição de eventos), sobre os opinativos e de orientação doutrinária. O embate de ideias, dúvidas e rejeições, especialmente no que diz respeito ao ecumenismo, encontram espaço privilegiado na seção “Peço a Palavra”, a seção de cartas do jornal. Faremos aqui uma breve exposição dos temas e opiniões de leitores que predominam na seção de cartas em relação ao tema ecumenismo.

Para alguns leitores, o diálogo com a Igreja Católica seria, como já vimos, uma associação com impuros. Associado ao receio da contaminação, existe um mal disfarçado **sentimento de superioridade** nesse leitor herdeiro do protestantismo de origem anglo-saxônica cujo “destino manifesto”<sup>8</sup> seria trazer a pureza do “verdadeiro cristianismo”, a civilização e o progresso (como afirmam diversos textos publicados no Expositor Cristão no final do século XIX e princípio do século XX). “Nosso Deus é único e muito diferente dos deuses católicos romanos”, diz Hélio Navarro dos Santos (EC: 2ª quin. 03.1979, p. 2). “Nós crentes metodistas devemos ter a convicção de que somos (como povo evangélico) os únicos a possuir as respostas de que “Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo”, diz o pastor Carlos Roberto Barbosa (EC: 1ª quin. 07. 1978, p. 2).

Outros leitores entendem que o ecumenismo tem arrefecido o ímpeto missionário metodista. Num momento em que a Igreja desenvolvia uma intensa campanha para a conquista de um rol de membros na faixa dos 100 mil, para muitos, o ecumenismo era compreendido como um **antagonista da evangelização**. Afinal, se todos somos irmãos, inclusive os católico-romanos, quem iremos evangelizar? Essa era a pergunta que lançava o leitor Daniel Rocha, na carta publicada com o título “Repúdio ao Ecumenismo”:

Que situação paradoxal encontramos: no Encontro de Evangelização em Brodósqui, fomos exortados a evangelizar a fim de alcançar os propalados **100 mil**. E o que está acontecendo?! Em primeiro lugar, nós é que estamos sendo “evangelizados” pelos padres que ocupam nossos púlpitos. Em segundo lugar, descobri que não é mais necessário anunciar a salvação aos católicos, pois “somos todos irmãos”, “somos todos salvos”. Em terceiro lugar, descobri que aquele Encontro de Evangelização foi em vão, pois num país onde todo mundo é católico, não resta mais ninguém para se evangelizar... Daniel Rocha – São Paulo – SP (EC: 2ª quin. 07.1980, p. 2).

---

<sup>8</sup> Segundo Mesquida (1994: 105), a convicção de que os sinais do Reino de Deus são a liberdade (civil e religiosa), a civilização e o progresso, levava os metodistas a identificarem a nação americana com o povo escolhido por Deus para salvar o mundo. Essa era a concepção do “destino manifesto” que caberia aos povos de língua inglesa.

Vários leitores revelam, ainda, um forte **anticatolicismo**, resquício dos embates ocorridos nos atribulados tempos de implantação do protestantismo de missão no Brasil, que Elias Wolf denomina como “período de controvérsia apologética” (WOLF 1999: 34). Por exemplo, na 2ª quinzena de fevereiro 1983, Yolanda C. Wagner, Porto Alegre, escreve:

De uns tempos para cá, com tristeza, vemos nossa querida Igreja aproximar-se e se fazer amiga daquela que sempre perseguiu os crentes no Senhor Jesus. [...] É uma lástima que não haja mais interesse em conhecer o passado e saber mais sobre a grande Babilônia, a igreja Romana, pois o retrato dela está nos capítulos 13 e 17 do Apocalipse e mais em bons livros elucidativos [...] RS. (EC: 2ª quinz. 02.1983, p. 3).

O envolvimento político-social do movimento ecumênico também é criticado. O leitor Hélio Navarro dos Santos, já citado, argumenta que um dos anunciados objetivos do CONIC – a união em busca de uma sociedade mais justa, mais humana e fraterna – representava uma “posição invertida”. “**Falemos de Cristo primeiro**, deixemos que o Espírito Santo nos guie na evangelização do mundo e, então, estaremos amando realmente nosso semelhante”, diz ele. (EC: 2ª quinz. 03.1979, p. 2, grifo nosso)

No lado oposto, há leitores que, apoiando o ecumenismo, lamentam as reações contrárias de alguns pastores e leigos e a carência de informações nos órgãos de informação metodistas. Por exemplo, o jornal da primeira quinzena de abril de 1977 publica uma extensa carta com o título “Há algo errado”, de David Lopes, de Taubaté, SP. Ele lembra que a doutrina social da Igreja Metodista, expressa no Credo Social, afirma que “o metodismo sempre se caracterizou pelo espírito ecumênico”. Logo, conclui o leitor, todo metodista deve ser ecumênico. Mas não é isso o que ocorre na prática. Há pastores que são “completamente apáticos” e ainda outros que “combatem tenazmente” o ecumenismo. O leitor acredita que o principal motivo dessa situação é um lamentável desconhecimento do assunto. Sua conclusão é de que falta orientação aos membros das igrejas. Ele pede, então, que seja realizada uma campanha de divulgação “por todos os meios possíveis” e numa linguagem “mais simples, ao alcance de todos”, informando o que é o verdadeiro ecumenismo. Sugere, ainda que “pessoas de gabarito e de autoridade sobre o assunto, como o Prof. D. A. Reilly, Prof. Clory Trindade de Oliveira, Dr. João W. Dornellas e bispo Alípio da Silva Lavoura manifestem-se nas colunas do órgão oficial, nos periódicos e boletim episcopal “visando expor de maneira elementar **o que é e o que não é** ecumenismo, quais os seus limites e implicações”. (EC: 1ª quinz. 07.1977, p. 2).

## Conclusão

Na grande maioria das edições desse período, um posicionamento favorável ao ecumenismo pode ser notado claramente. Mas, de maneira geral, o ecumenismo que vemos nas páginas do Expositor é um ecumenismo institucional, traduzido na forma de encontros de lideranças: arcebispos, bispos, pastores, padres. Relatam-se, normalmente, encontros festivos: como namorados que se veem apenas nos finais de semana, não se fala muito nas agruras do cotidiano. As matérias passam ao largo das questões mais polêmicas, como, por exemplo, a desconfiança protestante de que o ecumenismo católico quer trazer de volta ao aprisco as ovelhas desgarradas ou as dificuldades de se compartilhar a mesa da comunhão.

As polêmicas ficam reservadas às páginas dos leitores. Os leitores criticam, apoiam, sugerem, perguntam, discutem – mas apenas entre si. O redator-chefe raramente responde ao leitor. Além da resposta direta, outra forma possível de retorno seria o próprio conteúdo editorial do jornal. A seção de cartas poderia ter sido melhor explorada como geradora de pautas, verdadeiro termômetro do estado geral da Igreja. Fica a sensação de que a página do leitor, embora seja um espaço privilegiado de expressão do membro da Igreja – recuperado após a censura posterior à crise da Faculdade de Teologia, em 1968 – ainda não se estabelece como um meio de diálogo do leitor com o veículo e com a instituição que ele representa.

Às vésperas da entrada da Igreja Metodista no CONIC ainda pairavam sobre o ecumenismo incompreensões, dúvidas e divergências. Conceitos e preconceitos de décadas passadas persistiam, como, por exemplo, a acusação de que o CMI tinha por objetivo a fundação de uma superigreja. A reportagem que registra a entrada da Igreja Metodista no CONIC celebra o fato, mas passa ao largo da resistência que antecedeu à votação.

Fiegenbaum (2006: 240) diz que o campo das mídias funciona como uma espécie de espaço de negociação e gestão de conflitos, ao promover a interação dos demais campos sociais. Era essa atuação que a complexa temática do ecumenismo pedia ao jornal metodista. Porém, ao mesmo tempo em que os campos sociais (o religioso, incluso) delegam ao campo das mídias a sua legitimidade, também o acolhem com desconfiança e desejam tê-lo sob seu controle. Por isso, além de lutar as batalhas internas de seu próprio campo, o midiático também está implicado nas disputas internas e nas lutas de poder do campo religioso. No caso específico do relacionamento entre a Igreja Metodista e o CONIC, as disputas entre as diferentes formas de pensar a missão da Igreja resultaram numa vitória enganosa a favor do ecumenismo. O casamento entre namorados que só se veem em finais de semana e evitam discutir questões práticas do coti-

diano corre o sério risco de resultar em divórcio. E foi isso o que aconteceu no Concílio de 2006, quando a Igreja decidiu se desligar do CONIC.

## **Bibliografia**

ATAS E DOCUMENTOS do 17º Concílio Geral da Igreja Metodista.

BOCK, Carlos Gilberto. *O ecumenismo eclesiástico em debate: análise a partir da proposta ecumênica do Conic*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CONIC. *Uma caminhada ecumênica: dos encontros de dirigentes de igrejas para a fundação do Conselho Nacional de Igrejas Cristas 1975-1982*. São Paulo: Paulinas, 1987.

EXPOSITOR CRISTÃO, Jornal da Igreja Metodista no Brasil.

FIEGENBAUM, Ricardo Zimmermann. *Midiatização do campo religioso e processos de produção de sentido – Análise de um conflito anunciado - o caso do Jornal Evangélico da IECLB*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.

IGREJA METODISTA. *Cânones*. São Paulo: Cedro, 2006.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MESQUITA, Zuleica de Castro C. *Crise da Faculdade de Teologia em 1968 à luz do pensamento de Edgar Morin*. Piracicaba, SP: Atlas, 1997.

SAMPAIO, Jorge Hamilton. *Sobre sonhos e pesadelos da juventude metodista brasileira nos anos sessenta*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. *O ecumenismo no Brasil: uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo, Paulinas, 1999.